



# APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

NARRATIVAS DA (RE)CRIAÇÃO DOS  
DIFERENTES CAMPOS DOS SABERES  
NO SUL GLOBAL

## APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

Nos últimos anos, o debate sobre o valor da ciência tornou-se central nas rodas de conversas do público em geral, sobretudo entre professores/as e cientistas, por ser importante dispositivo de combate ao negacionismo ambiental, histórico e científico. Essa discussão reposicionou o debate sobre verdade, epistemologias e campo científico na contemporaneidade. Embora o atual cenário tenha lançado luz sobre novas questões relativas aos desafios a serem enfrentados no espaço científico, o campo continua enfrentando antigos problemas com relação à hierarquização das diferentes áreas do conhecimento, problemas no percurso do reconhecimento e disputas no poder-saber.

No mencionado contexto de pós-verdade, fake news e negacionismo científico, portanto, é urgente o reposicionamento da discussão sobre verdade, epistemologias e campo científico. A História como ciência, nesse movimento, se fez e se faz em tensões, aproximações e distanciamentos interdisciplinares, além do seu comprometimento social e político para a “libertação dos homens”, como a afirmação de Marc Bloch (2001). O presente dossiê reúne trabalhos que dialogam com as histórias de (re)criação ou atualização dos campos dos conhecimentos/saberes/fazeres que evidenciam, especialmente mas não só, os constructos dialógicos com as demandas escolares e o Ensino da História - locus privilegiado para reflexão acerca da função epistemológica do campo, como afirma Rüsen (2001).

Os textos foram produzidos a partir de resultados de pesquisas utilizando a metodologia da história oral, narrativas de vida e histórias de vida, narrativas (auto)biográficas, biografias históricas, dentre outras. Além disso, o dossiê contempla tanto investigações produzidas em ambiente acadêmico e escolar quanto em outros espaços de formação histórica, abrangendo pluriespitemologias e as diversas condições de construção de saberes. A proposta parte de um projeto de pesquisa interinstitucional coordenado pelo Laboratório de História Oral (LHO), da Univille, em parceria com a Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), o Museu da Pessoa e outros grupos e laboratórios de pesquisa de diversas instituições, situados nas cinco regiões do Brasil. A investigação Histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do campo do ensino de história é um esforço para a organização de um acervo sobre as histórias de vidas e memórias de pesquisadoras/es do Ensino

de História. Trata-se de um coletivo de pesquisadores nacionais empenhados na construção de fontes sobre o seu próprio campo de atuação. Partindo dessa proposta, autoras e autores participam do dossiê apresentando diferentes possibilidades de diálogo inspirados nessa proposição, contribuindo com escritas interdisciplinares para pensar a (re)criação dos campos de saberes no Sul Global. Esta pesquisa recebeu fomento dos Editais de Chamada Pública FAPESC nº 38/2022 e 54/2022 e Fundo de Apoio à Pesquisa Univille, FAP.

O primeiro conjunto de textos reúne propostas que discutem as questões de gênero nesse contexto de reconfiguração dos saberes. No texto O discurso antigênero e a influência sobre a educação no sul global, de Renata Lewandowski Montagnoli e Joana Maria Pedro, as autoras investigam a influência do discurso antigênero propagado por grupos políticos conservadores e neoconservadores na formulação dos planos educacionais. A análise abrange o contexto nacional brasileiro e se aprofunda nos casos específicos de Blumenau e Balneário Camboriú, em Santa Catarina. Uma constatação central da pesquisa é que a política antigênero tem se consolidado como uma plataforma eleitoral estratégica para a ascensão de grupos conservadores em diversos países da América Latina.

Em Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes: uso didático do documento no ensino de história, Kênia Érica Gusmão Medeiros destaca a Carta das Mulheres Brasileiras aos Constituintes como uma fonte histórica fundamental para o ensino. O documento, que fez 38 anos em março de 2025, apresenta as reivindicações das mulheres brasileiras aos constituintes e reflete os anseios de uma sociedade recém-redemocratizada. Usar a Carta no ensino de história, segundo a autora, ajuda a explicar a redemocratização do Brasil, oferece insights sobre o pensamento social da época em relação a temas importantes e contribui para debates sobre a desigualdade de gênero. Além disso, promove o reconhecimento das mulheres brasileiras como agentes históricos e políticos nas lutas por cidadania e democracia.

O terceiro e último artigo desse bloco, intitulado “A América Latina será toda feminista”: perspectivas feministas descoloniais sobre o direito geopolítico e o corpo-político das mulheres do sul global, Aimê Barbosa Martins Bast e Fábio da Silva Sousa propõem deslocar a concepção dos direitos humanos da universalidade para uma crítica feminista descolonial, dialogando com o pluriverso jurídico e cosmovisões não ocidentais. Com base em autoras como Lélia González, Maria Lugones e Rita Laura

Segato, o trabalho tem como foco discutir as resistências femininas no Sul Global e a trajetória dos movimentos de mulheres e feministas. Apresenta, além disso, as críticas feministas descoloniais ao pensamento moderno ocidental, buscando tensionar e (re)criar conceitos de democracia, cidadania e justiça de gênero sob uma perspectiva antirracista, antipatriarcal e anticapitalista. Por fim, analisa as políticas de igualdade de gênero, com destaque para o conceito de autonomia como ferramenta de emancipação social feminina.

Um segundo bloco de produções apresenta uma sequência de quatro artigos produzidos a partir de narrativas de si, histórias de vida e história oral. Em A dimensão terapêutica da escrita de cartas: uma metodologia de construção de fonte no ensino remoto emergencial (Goiás – 2020), Adriel de Oliveira Dias, Jullyana Silva Rosa e Priscila Melo Ribeiro de Lima analisam a metodologia de troca de cartas entre professores de História da Rede Estadual de Goiás entre agosto e dezembro de 2020, durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) na pandemia de COVID-19. Com uma abordagem interdisciplinar que integra Didática da História, Educação Histórica, Teoria Narrativa e Psicanálise, a pesquisa investigou como essas cartas foram além do simples registro de experiências, alcançando dimensões terapêuticas. Os temas abordados incluíram a apresentação dos participantes e reflexões sobre o ensino e a narrativa histórica no período da pandemia. O estudo revelou que a troca de cartas criou um espaço para os professores elaborarem seus sofrimentos, contribuindo tanto para a produção de fontes históricas quanto para a construção de conhecimento histórico que atendessem às demandas daquele "tempo irritante". Isso foi possível porque a metodologia permitiu a organização das experiências individuais em narrativas conectadas às trajetórias de vida dos participantes.

Em seguida, Joelson de Sousa Moraes, José Carlos Aragão Silva e Cristiane Dias Martins da Costa assinam o texto Narrativas e imagens de si, no Instagram, no ensino de História da Educação: contribuições para a formação inicial docente. Os autores e a autora descrevem uma pesquisa qualitativa do tipo narrativa autobiográfica que buscou entender a construção de conhecimentos e aprendizagens manifestadas em narrativas de imagens de si no Instagram. O estudo focou no ensino de História da Educação durante a formação inicial de estudantes de licenciatura em Pedagogia na UFMA (Centro de Codó). Utilizando escritas narrativas autobiográficas e imagens fotográficas, a pesquisa envolveu dez estudantes do 3º período que cursavam a disciplina "Fundamentos e Metodologia do Ensino de História", em 2023.

Os resultados indicam que o uso do Visual Storytelling (narração visual de histórias) como dispositivo de formação de professores potencializou o processo formativo de futuros docentes. Essa abordagem enriqueceu a construção de conhecimentos e aprendizagens, conferindo sentido e significado, o que contribuiu para a (trans)formação de consciências e para o desenvolvimento de projetos de futuro mais expressivos.

Em Diálogos possíveis e sensíveis entre ensino de história, literatura e história oral, Tatiane de Oliveira e Renilson Rosa Ribeiro descrevem uma pesquisa que conecta o ensino de História à Literatura, usando a obra “Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus, e narrativas orais de jovens estudantes. O objetivo é abordar o passado a partir de questões do presente. A metodologia utilizada foi a história oral testemunhal, com entrevistas a três estudantes de origem popular de um curso técnico no IFMT - Cuiabá. O estudo conclui que ouvir essas histórias “doloridas” demonstra como a interdisciplinaridade pode ajudar a compreender as diversas identidades em sala de aula, especialmente as de grupos mais marginalizados, contribuindo significativamente para estudantes e professores na educação básica e tecnológica, em particular nas aulas de História.

Finalizando essa parte do dossiê, Raquel Alvarenga Sena Venera e Juliana Miranda da Silva assinam o artigo Um campo para o ensino de história? As autoras analisam o campo científico do Ensino de História a partir das Histórias de Vidas de pesquisadores/as, coletadas via História Oral. A pesquisa priorizou entrevistas que remetem aos primeiros eventos científicos do Ensino de História na década de 1990, que levaram à criação da ABEH (Associação Brasileira de Ensino de História). Em seguida, a análise se expandiu para ações que transcendem o âmbito universitário e da pesquisa, baseando-se nos conceitos de campo de Bourdieu e nas apostas epistemológicas das narrativas vistas como vestígios da cultura escolar. O texto defende a existência clara de um campo científico próprio do Ensino de História, derivado do campo da História, em diálogo com a história ensinada e a escola como cultura particular. Por fim, propõe dar atenção ao conceito de mundo social na caracterização desse campo.

Na terceira e última parte do dossiê, são apresentados cinco textos que tratam das crises e ressignificações nos campos de saberes no Sul Global. Em História da curricularização da língua portuguesa no Brasil através de documentos oficiais do século XVIII ao XXI, Maria Eduarda Oliveira da Silva e Ewerton Ávila dos Anjos Luna

analisam o currículo e o ensino de língua portuguesa no Brasil através de documentos oficiais (1757- 2018). O estudo investiga como contextos históricos e concepções de linguagem influenciaram o ensino da língua materna, usando o conceito de currículo de Sacristán (2013) e as ideias de Geraldi (2011) sobre linguagem. A pesquisa identificou mudanças nas concepções de linguagem, passando de abordagens mais estruturais para as mais sociointeracionais, o que impactou as práticas pedagógicas. Observou-se também que os documentos oficiais evoluíram de uma abordagem normativa para uma mais reflexiva, acompanhando as transformações sociais e culturais do país.

Na sequência, Vanessa da Silva Nascimento Andrade, Maria Cristina Dantas Pina e Edinaldo Medeiros Carmo apresentam o artigo Travessias entre o currículo e a prática: narrativas de professores de história sobre o ensino médio na Bahia, no qual investigam como professores de História interpretam e aplicam documentos normativos (Reforma do Ensino Médio, BNCC e DCRB) em suas práticas pedagógicas na Educação Básica. A pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas com cinco professores em Vitória da Conquista, Bahia, e análise de conteúdo (Bardin, 2016), revelou que os docentes não se apropriaram plenamente das normativas e atribuem pouca relevância ao conteúdo prescrito. A sobrecarga de trabalho foi apontada como obstáculo à formação continuada. O estudo também indica uma crescente precarização do trabalho docente e a desestabilização da tradição curricular.

No texto O ensino de história na Educação do Campo e a crise ambiental contemporânea: os desafios da história local, Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mario Martins discutem a relação entre o Ensino de História e a Educação do Campo, focando no uso da História Local para entender a resposta do campo à crise ambiental capitalista. A pesquisa alinha o Ensino de História, que deve guiar a vida prática, com a educação camponesa engajada na mudança da realidade. Avaliou-se o uso da História Local para analisar a realidade do campo e integrar a crise ambiental contemporânea na Educação do Campo. A metodologia incluiu a análise de teses e dissertações da CAPES para verificar a relação atual entre as áreas. O artigo defende que o ensino da História Local na Educação do Campo deve integrar as dinâmicas globais de apropriação dos recursos naturais, algo pouco evidente nos trabalhos analisados.

Mariana do Nascimento Sousa, Murilo Borges Silva e Pedro Henrique Borges Guimarães são autores do texto Crise da história para quem? A produção historiográfica negra e as outras possibilidades de leituras do tempo, no qual analisam a “crise da História” como o esgotamento do modelo historiográfico eurocêntrico, e não como um fenômeno universal, baseando-se na teoria do presentismo de François Hartog. O texto argumenta que a História, enquanto disciplina moderna, foi construída sobre bases coloniais, elitistas e racializadas, marginalizando experiências de povos negros e indígenas. Ao examinarem conceitos como “memória” e “patrimônio”, os autores mostram o afastamento das grandes narrativas e o surgimento de novas disputas na construção do passado. O estudo destaca que os documentos coloniais não são neutros, mas ferramentas de poder que silenciaram sujeitos negros. Como contraponto, valoriza a produção historiográfica de intelectuais negros, como Beatriz Nascimento, como resistência e ruptura.

A terceira parte finaliza o dossiê com o artigo Narrativas, experiências e saberes docentes: ressignificando o patrimônio na cultura local, de Bruna Mozini Subtil e Miriã Lúcia Luiz. As autoras examinam os saberes e experiências de professores dos anos iniciais de História que participaram do curso “Patrimônio Cultural e História Local: o município de Mantenópolis em foco” (junho-novembro de 2021). O curso visava formar docentes para valorizar a história e os bens culturais locais, promovendo a ressignificação identitária. Para investigar o aprendizado, foram analisados memoriais autobiográficos, questionários online e entrevistas pós-curso, com base na observação histórica de Marc Bloch (2001). Os resultados indicaram uma transformação na percepção das professoras, que passaram a ver o Patrimônio Cultural não como algo estático, mas como lugares de afeto e saberes significativos para a comunidade.

Desejamos a todos/as uma excelente leitura!

Os organizadores.

Cristiano Nicolini/ cristianonicolini@ufg.br/ Doutor em História/UFG

Juliana Alves de Andrade./juliana.alvesandrade@ufrpe.br/ Doutora em  
História/UFRPE

Raquel Alvarenga Sena Venera /raquelsenavenera@gmail.com/ Doutora em  
Educação/UNIVILLE